

***SAPIENTIA E FORTITUDO DE BOORZ E MISOGINIA EM A MORTE DO REI
ARTUR***

**Pedro Carlos Louzada Fonseca
Alessandra Fabrícia Conde da Silva**



Vision of the Holy Grail (1890) by William Morris (1834-1896). Museum and Art Gallery of Birmingham. Boorz, Galaaz e Persival vão em demanda do Santo Graal, conseguindo alcançá-lo. Então, acompanham-no a Sarras, uma ilha mítica no Médio Oriente. Tanto Galaaz como Persival morrem enquanto lá se encontram, sendo Boorz o único a regressar.

Consilis armisque vigil1

No mundo homérico, um dos traços da essencialidade de caráter do herói consiste justamente na sua capacidade de demonstrar, nos limites da perfeição, força corporal e sabedoria, tipo ideal que, evidentemente, não caracteriza o coro orquestrado de todas as personagens guerreiras da sua galeria épica. O herói concebido por Homero é, na verdade, uma construção de dimensão temporal. Nessa perspectiva a condição de herói não é nata, pois o heróico é uma qualidade adquirida pela vivência de experiências e Ninguém nasce herói, ao contrário, torna-se mediante as vivências/experiências e as percepções da vida desafiadoras que ajudam a formar a sua sabedoria e belicosidade. Dessa forma saber e valor guerreiro coadunam-se como virtude, que se divide em

em grau superior, como “virtude de herói”, em grau inferior, como “virtude de soldado”. Esta última ocorre sob três formas: 1) ciência do combate ou da batalha; 2) capacidade na luta e no conselho de guerra; 3) capacidade numa arma especial. Na “virtude de herói” aparecem os componentes espirituais, a saber: 1) sabedoria da experiência da velhice (Nestor); 2) (astuciosa) sabedoria do homem maduro (Ulisses); e 3) eloquência (Nestor e Ulisses). E ainda 4) programa ideal e fórmula mais ampla, a capacidade de “ser bem falante em palavras, e hábil nos feitos” (CURTIUS, 1979, p. 179).

Pelo que se depreende dessa caracterização tradicional do herói, a *virtus* que pretende ser-lhe construtora segue a máxima da boa e sábia loquacidade, bem como da habilidade do agir, como Ulisses, sábio e guerreiro em harmonia. O equilíbrio entre razão (*sapientia*) e *fortitudo* (força), condição do herói perfeito, não se encontrava em Aquiles, dominado pelas paixões (*Appetitus*). Heitor, caro a Zeus, ainda não alcançado pela maturidade e sabedoria de Ulisses, recebeu bom conselho de guerra, mudando os planos iniciais. Polidamas insta Heitor à prudência, reconhecendo que um deus havia concedido ao filho de Príamo supremacia nos assuntos de guerra, mas a pergunta nesse contexto virtuoso era a de ser possível que um único homem reunisse todas essas qualidades. Não teria recebido um o dom do canto e da música, outro, o do canto e, ainda outro, o das ações bélicas? Não teria Zeus dado a alguns homens apenas um espírito prudente para salvar cidades e homens?

Avisos

Contigo, Heitor, não valem. Porque Jove
Te fez guerreiro, os outros no conselho
Cuidas vencer? Nem tudo abraçar podes.
Ele a uns doa bélicas virtudes,
A tais a dança, a tais a lira e o canto:
No peito põe de alguns útil prudência,
Que as cidades mais guarda e os homens rege,
E quem dela é dotado o reconhece.

(HOMERO, 2009, p. 265)

Polidamas tem o dom de saber bem aconselhar. Heitor, o príncipe perfeito, é equiparado a Aquiles nas artes da guerra e a Agamenon “quanto ao poder de chefia das ações bélicas” (D’ONOFRIO, 1990, p. 47), mas ainda não havia, ao menos nesta passagem, cultivado a arte da prudência e do bom conselho, embora o tenha recebido agradavelmente: “Disto agradou-se Heitor” (HOMERO, 2009, p. 266). A harmonia entre heroísmo, sabedoria e adestramento guerreiro parece mesmo estar em Ulisses, como pontua Curtius (1979, p. 178), porque prudente como Zeus, tinha ele, ainda como aliado, a experiência da idade. Não bastava ser competente na guerra era ainda necessário ser sábio e prudente. Se razão e força em equilíbrio são componentes do ser herói para Homero, a máxima que constituiu tal aglutinação não se fixou somente nos escritos homéricos, mas reverberou ainda na Idade Média.

Nesse período, fez-se uso bastante difundido da fórmula clássica *sapientia et fortitudo*, seguindo-se, assim, o pensamento de que “toda perfeição consiste em força corporal e sabedoria” (CURTIUS, 1996, p. 232). Nos heróis do Graal, por exemplo, essa tópica torna-se perfeitamente conservada. Um catálogo de hábeis heróis, em sabedoria e força nos feitos de guerra, é mostrado em muitos episódios das narrativas da matéria da Bretanha. Afinal, para Demanda, pela sua própria natureza do sagrado, todos os cavaleiros arturianos deveriam, a princípio, portar-se dessas qualidades considerados principalmente em conjunto, conforme iconografa a própria Távola. Galaaz é o cavaleiro perfeito, figura do divino, bom cavaleiro, bom servo de Cristo, mas em Boorz, personagem mais humana, vê-se eloquência e sabedoria que atendem não unicamente às causas do reino e da religião, mas, sobretudo, às familiares.

Destro em armas, Boorz é não somente um excepcional cavaleiro, demonstrando *virtus* e *fortitudo* na arte das batalhas, mas homem gentil, leal e

facundo. Como disse Galvão sobre a queda de Boorz, quando do combate contra Lancelote, o notável cavaleiro oculto, certamente Lancelote:

se Boorz está no chão, não há nisso grande vergonha, porque ele não sabia onde segurar, e este cavaleiro que fez estas duas justas a ele e a Heitor é bom cavaleiro e, na minha opinião, se não tivéssemos deixado Lancelote doente em Camelot, diria que aquele é ele.²

A necessidade de justificar que não foi falha de Boorz no torneio sustém-se com a finalidade de não desmerecer os melhores cavaleiros da linhagem do rei Bam, constantemente elogiados como os melhores do mundo. Na verdade, sempre parece ter havido uma tensão em fazer, isto é, lutar propriamente, ou deixar os cavaleiros do rei Artur justarem. Artur e Lancelote sempre temeram o encontro deste com Galvão. Em outro momento, Boorz provará sua sabedoria e engenhosidade retórica ao falar com a rainha e Lancelot. Galvão, ao contrário, mostrará, muitas vezes, a quebra da *virtus* moral, mas não da guerreira, pois sabemos que ele matou dezoito cavaleiros na demanda do Santo Graal (MRAf, 1936, p. 4).

Mas se a *virtus*, coragem agressiva, era uma condição a ser cultivada na cavalaria, como se via entre os romanos, a *disciplina* não deveria ser obliterada. Para J. E. Lendon (2011, p. 328), discorrendo sobre as competências dos soldados romanos,

la *disciplina* latina era un término mucho más amplio que nuestra disciplina. Contrapuesta al concepto de *virtus*, acabó incluyendo no únicamente la obediencia y el castigo, sino prácticamente todos los atributos militares que no contenía la *disciplina*, incluyendo el entrenamiento y la construcción. La disciplina romana era al mismo tiempo algo impuesto a los soldados romanos desde arriba y algo que los soldados debían sentir en sus corazones. Por tanto, la *disciplina*, como también ocurría con la *virtus*, era competitiva.

Ainda no mundo cavaleiresco, como se vê nos textos arturianos, *disciplina* e *virtus* precisaram ser incentivadas entre os *equites*. Os três reis (Arthur, Borz e Ban) assistem a um torneio em que as tropas auxiliares combatem contra os bretões, acirrando o rancor e a competição entre eles (MALORY, 1868, p. 34). Sentimentos esses que eram, ao que tudo indica, resquícios de uma cultura romanizada ou a peculiar manifestação do afã de combate, competição e de ser provado cavaleiro valoroso, de acordo com a cultura medieval. De todo modo, conforme afirma Lendon (2011, p. 335), “los soldados competían individualmente en *virtus* y *disciplina* y los que dirigían el ejército alimentaban y atendían dicha competición.” A razão disso é que a mesma prática de incentivo à competição e ação bélica se mantém.

Mas Boorz tem algo mais, uma inclinação à sabedoria e à retórica que o distingue entre os cavaleiros do Graal. Os cavaleiros da linhagem do rei Ban têm um segredo. Heitor, Leonel e Boorz sabem do amor adúltero entre Lancelote e Genevra. Em dado momento tentam tirar Lancelot da corte, segundo conselho de Boorz, assumindo, até mesmo para a rainha, irada e enciumada, que a presença de Lancelote na corte arturiana se dá unicamente pela necessidade que este tem de vê-la e que a permanência dos cavaleiros franceses está ligada ao destino de Lancelote, como se vê em *La mort le roi Artu* (MRAf, 1936, p. 30), romance francês do século XIII, partícipe do ciclo da *Vulgata*, primeira prosificação das histórias arturianas:

Et sachiez veraiment, dame, fet Boorz, que nos n'eüssons mie tant demore en cest país comme nos avons, se por l'amor de mon seigneur ne fust, ne il n'i eüst pas tant demore après la queste del Seint Graal fors por vos; et sachiez certainment que il vos a plus loiaument amee que onques chevaliers amast dame ne damoisele.

E sabeí verdadeiramente, disse Boorz, que não teríamos tanto demorado neste reino como demoramos, se não fosse pelo amor de nosso senhor, nem ele não teria demorado tanto depois da demanda do Santo Graal, senão por vós; e sabeí certamente que ele vos tem o mais lealmente amado, como nunca cavaleiro amou a dama e donzela (MRAp, 1992, p. 54).

A intervenção de Boorz acalma momentaneamente a rainha, demonstrando aliar à excepcional competência guerreira, que a todo o momento é mencionada, e habilidade política³, uma extraordinária eloquência nos assuntos amorosos, isto é, *sapientia* e *fortitudo*. Além disso, em seu discurso não deixa de clarificar enfaticamente à rainha que a participação dos cavaleiros da França em terras bretãs é condição delicada, facilmente alterada. O destino do reino, das tropas auxiliares arturianas, estava em suas mãos. Em outro momento, desesperada e irada com a ideia de traição de Lancelote, segundo os relatos de Galvão, Genevra em conversa com Boorz diz desamar Lancelote. A resposta de Boorz assume uma estrutura retórica fincada na analogia, nos exemplos de vida de personagens da história e da literatura, se não em correspondência à fábula dos amantes Genevra e Lancelot, mas em relação às ruínas masculinas causadas pelas mulheres. É, entretanto, na *sapientia* de Boorz, muitas vezes manifestada no defeso da integridade do amor de seu primo Lancelot pela rainha, que se manifesta, conforme a cultura patrística, sobretudo em São Jerônimo, o ranço da misoginia. O cavaleiro Boorz é leitor de imagens do passado e para compor suas argumentações retóricas perfila um catálogo composto por figuras masculinas que, segundo sua interpretação, sucumbiram por amar as mulheres.

Na Idade Média ainda havia a prática de utilização de "catálogos como forma primitiva de poesia" (CURTIUS, 1979, p. 202), como cultivado por Homero e Hesíodo. Neles, várias imagens são justapostas enriquecendo a poesia, conduzindo-a a nuances enciclopédicas e didáticas. Autores da patrística utilizaram bastante tal recurso. São Jerônimo foi um deles. Curtius (1979, p. 472) afirma que ele "foi o grande representante do humanismo eclesiástico", construindo "um sistema de concordâncias ou correspondências literárias que, embora não tenha sido formulado por Jerônimo, governa toda a sua obra e nela sobreviveu a mudanças ocasionais de piedosa escrupulosidade." Tal sistema de correspondências "estatui um denominador comum entre os livros sagrados e pagãos, e esse denominador é o literário" (CURTIUS, 1979, p. 473).

Em *Adversus Jovinianum* [Contra Joviniano], texto contra-argumentativo às formulações heréticas de Joviniano, Jerônimo elenca várias imagens de reis hebreus que fraquejaram ante a sedução feminina. Temerosa e destruidora imagem, o corpo feminino é porta para a perdição. Não foi Sansão o conquistador dos filisteus vencido pelos ardis femininos, interroga-se Jerônimo? Está-se aqui em presença de um topos bastante claro do misógino legado medieval, qual seja, a figura "do enfraquecimento e da feminização do homem que se verifica pelo contato amoroso com a mulher"

(FONSECA, 2017, p. 150). David, assim como Sansão, é o guerreiro abatido por ações femininas. Sucumbindo ao *topos* do olhar, David tornou-se adúltero e assassino. Em posição menos guerreira, Salomão, o amador das mulheres, também abandona a sua força, a sabedoria, pelos braços das amantes.

Em *La mort le roi Artu*, Boorz faz uso do catálogo para convencer Genevra de seu erro ao desprezar Lancelote. Ao fazê-lo, o último cavaleiro do Graal apresenta imagens de derrogação ao feminino retiradas da tradição medieval patrística misógina, quer literária, quer bíblica. A passagem, embora longa, merece ser citada na íntegra, dado o seu teor de um discurso verdadeiramente documental do fenômeno da misoginia medieval:

Senhora, disse Boorz, que vos direi? Certamente nunca vi homem bom que tão longamente amasse por amor que, ao final, não fosse tido por infame; e, se quiserdes ver os feitos antigos dos judeus e dos sarracenos, muito vos poderia mostrar daqueles que a verdadeira história testemunha que foram infamados por mulher. Vede a história do rei Davi: podereis encontrar que tinha ele um filho, a mais bela criatura que Deus formou; ele começou a guerra contra seu pai, por instigação de mulher, e morreu muito vilmente. Assim podeis ver que o mais belo judeu morreu por mulher. E depois podeis ver nessa mesma história que Salomão, a quem Deus deu tanto bom senso, além do que corações mortais podem compreender, e deu-lhe ciência; renegou a Deus por mulher, e foi infamado e decaído. Sansão, que foi o homem mais forte do mundo, recebeu morte por isso. Heitor, o valente, e Aquiles, que de armas e cavalaria tiveram a glória e o prêmio acima de todos os cavaleiros do tempo antigo, morreram por isso e foram ambos mortos, e mais de cem homens com eles; e tudo isto por causa de uma mulher que Páris tomou pela força na Grécia. E em nosso tempo mesmo, não há cinco anos que Tristão morreu, o sobrinho do rei Mars, que tão lealmente amou Isolda, a loira, que nunca em sua vida tinha desprezo por ela. Que mais vos direi? Nunca um homem se apaixonou tanto, que não morresse por isso. E sabeis que fareis pior que todas as outras damas fizeram, porque fareis perecer no corpo de um só cavaleiro todas as boas graças pelas quais pode alguém subir em honra terrena e porque seja chamado gracioso, isto é: beleza e proeza, valentia e cavalaria, cortesia. Senhora, todas estas virtudes podeis encontrar em meu senhor tão perfeitamente, que nenhuma falta, porque isto sabeis bem que ele é o mais belo homem do mundo, o mais prudente, o mais valente e o melhor cavaleiro de que se saiba e com isto saiu ele de tão alta linhagem de pai e de mãe, que não conheço no mundo mais cortês do que ele. Mas todo assim como é agora vestido e coberto de todas as virtudes, assim os despojareis vós e o desnudareis. Assim podeis por isso dizer verdadeiramente que tínheis entre as estrelas o sol, isto é, a flor das cavalarias do mundo, entre os cavaleiros do rei Artur e por isso podeis ver,

senhora, abertamente, que prejudicareis este reino e muitos outros, como nunca dama fez, pelo corpo de um só cavaleiro; e este é o grande bem que esperamos de vosso amor (MRAp, 1992, p. 80-81).⁴

Para comprovar que o discurso da misoginia é um jogo cuja retórica corre, muitas vezes, ao sabor do ganho e proveito do masculino, ao mesmo tempo em que há uma derrogação ao feminino, em contraste, Boorz subverte o ardor antifeminista para em seguida retomá-lo. Num primeiro momento, ele lança mão das imagens de homens em perdição por manipulações de mulheres. Em seguida, afirma que abandonar Lancelot é seguir o caminho dessas mulheres, pois conduzirá o cavaleiro à morte e o reino ou reinos à destruição. Entre o discurso que representa a mulher como causa da ruína masculina e a preocupação de que Genevra não faça o mesmo, está a ideia de que ela é essencial para a felicidade de Lancelote. A argumentação de Boorz estrutura-se na imagem da mulher destruidora, mas o efeito que ele quer causar é outro, embora sem negar o princípio discursivo. Ele a impele a ser boa amante para ser boa rainha. Torna-se evidente que tal discurso não seja alimentado pela moral religiosa, mas pela cortesia jamais maculada por Lancelote, pois este satisfaz a todos os tópicos da cavalaria cortês.

No entanto, são as imagens dos heróis hebreus, de Heitor, Aquiles e Tristão que têm a missão de persuadir a rainha. Na verdade, não as imagens dos homens que teriam essa função, mas das mulheres que os teriam feito errar. De modo aparentemente didático, parece que Boorz quer dizer para não ser como Tamar, as mulheres de Salomão, Dalila, Helena e Isolda. Ao falar de Davi, Boorz quer fazer lembrar a Absalão ou à história de Tamar e do estuprador Amnon, filho mais velho de David. A vingança de Absalão à desonra de sua irmã, tendo calado seu pai contra a violência sexual, o conduzirá a matar o irmão e a tomar o reino até ser morto pela espada de Joab:

E aconteceu que indo Absalão montado num macho, se encontrou com a gente de David: e tendo entrado o macho por baixo d'hum espesso, e grande carvalho, se lhe enredou a cabeça no carvalho; e passando adiante o macho em que hia montado, ficou pendurado entre o Ceo, e a terra (II Reis, 28: 9).⁵

Mas não é a morte ou a instigação de uma mulher à tomada do reino, em desacordo com a narrativa bíblica ou o silêncio do fato, que Boorz quer destacar. O defloro de Tamar o impeliu, mas a narrativa não menciona conselhos femininos à cooptação violenta do reino. De todo modo, o leitor Boorz é encantado com a beleza de Absalão: "a mais bela criatura que Deus formou" ou ainda "o mais belo judeu morreu por mulher" (MRAp, 1992, p. 80)⁶, *topos* da beleza que o cavaleiro retomará ao falar de Lancelote. No texto bíblico, a aparência de Absalão alicia o narrador: "Ora em todo o Israel não havia homem tão bem feito, nem tão gentil como Absalão: da planta do pé até a cabeça não havia nelle defeito algum" (II Reis 15: 25). Salomão é lembrado por sua sabedoria, Sansão por sua força, e ambos mostraram-se fracos e arruinados por mulheres. De igual modo, Heitor, Aquiles e Tristão representantes da *virtus* guerreira, uns mais sábios, mas todos belicosos, tiveram o mesmo destino dos heróis hebreus. Se a beleza de Absalão é aliciante para Boorz, a *sapientia* de Salomão e até a de Heitor, por sua *pietas* e lealdade familiar e nacional, e a

fortitudo de Tristão, Aquiles e do bravo Heitor são correspondências também atribuídas a Lancelote, como se vê:

Et sachiez que vos feroiz assez que toutes les autres dames ne firent; car vos feroiz perir el cors d'un seul hevalier toutes bonés graces por quai hom puet monter en honneur terrienne et por quol il est apelez graciex, ce est biautex et proesce, hardemenz et chevalerie, gentillesce. Dame, toutes ces vertuz poez vos tenir el cors mon seigneur si parfitement que nule n'en faut; car ice savez vos bien qu'il est li plus biax hom del monde, et li plus preuz, et le plus hardiz et li mieudres chevaliers que l'em sache; et avec ce est il estrez de di haute lingniee de par pere et de par mere que l'en ne set pas el monde plus gentill home que il est (MRAf, 1936, p. 57).

E que fareis pior que todas as outras damas fizeram, porque fareis perecer no corpo de um só cavaleiro todas as boas graças pelas quais pode alguém subir em honra terrena e porque seja chamado gracioso, isto é: beleza e proeza, valentia e cavalaria, cortesia. Senhora, todas estas virtudes podeis encontrar em meu senhor tão perfeitamente, que nenhuma falta, porque isto sabeis bem que ele é o mais belo homem do mundo, o mais prudente, o mais valente e o melhor cavaleiro de que se saiba e com isto saiu ele de tão alta linhagem de pai e de mãe, que não conheço no mundo mais cortês do que ele (MRAp, 1992, p. 81).

Com argumentações pertinentes, Boorz busca ver nas narrativas bíblicas, literárias e históricas correspondências à imagem de seu primo, a quem busca elogiar para convencer, porque desprezar a nobreza e as virtudes de Lancelote, deixando de amá-lo, é acometer-se contra a ordem e o bem. A beleza é algo a ser destacado com desvelo, mas proeza, valentia, cavalaria e cortesia são dons naturais. Segundo Curtius (1979, p. 188),

desde os tempos helênicos, a retórica formara esquemas definitivos para o discurso de elogio aos soberanos, eram utilizados "bens em série", como por exemplo, beleza, nobreza, virtude máscula (*forma, genus, virtus*). Um mais amplo esquema une quatro "primazias naturais" (nobreza, força, beleza, riqueza) a quatro virtudes. Nunca deve faltar a beleza corporal, também aceita pela Idade Média, admitindo-se igualmente figuras bíblicas de exemplo, em vez das antigas: David para a força, José para a beleza, Salomão para a sabedoria, etc. Por isso, frequentemente, as fontes históricas medievais falam da beleza de um soberano. Esta e outras primazias são muitas vezes apresentadas, no fim da Antiguidade, como dons da natureza, que tem a função de criar homens e sítios belos.

Entretanto, o elogio ao herói, belo por natureza, forte e viril, não esconde o seu enfraquecimento quando em contato com a mulher. E Boorz não pretende com o discurso apartar Genevra, mas dissuadi-la de seu afastamento. Certo que havia o *topos* do enfraquecimento masculino ante a presença da mulher, como pontua

Howard Bloch (1995, p. 64), ideia apregoada por São Jerônimo, objetivando a desconfiança e separação do que é feminino e suas correspondências, como os sentidos, os cosméticos e o decorativo e a poesia. Porém, o cavaleiro francês utiliza o mesmo discurso, mas quer produzir um efeito contrário, sem negar a derrogação do feminino que lá está e permanece. Boorz sentencia: "Nunca algum homem se apaixonou tanto, que não morresse por isso" (MRAp, 1992, p. 81)⁷, pensamento que será confirmado por seu primo. Ao saber que desagradava a rainha, Lancelote, sem ânimo, atesta preferir a morte à exasperação e ódio de Genevra. Diz o cavaleiro que sempre buscava conselho em Boorz, "porque, se eu paz não posso achar com ela, não poderei durar muito" (MRAp, 1992, p. 83).⁸ O motivo é iterativo em São Jerônimo, que promove figuras femininas bíblicas (Dalila, Betsabá, Tamar) à condição de danosas ao mais firme e nobre dos homens:

São Jerônimo diz que Davi, sendo um rei, não temia a ninguém. Assim, também, aconteceu com Salomão. Através dele, a Sabedoria falava, discursando sobre as plantas, desde o cedro que há no Líbano até o hissopo que brota do muro, conforme pode ser lido em Reis 3. 4: 33. No entanto, ele se voltou de costas a Deus, porque ele era um amante das mulheres, conforme pode ser lido em Reis 3. 11: 1-10, em que aparece um relato do amor de Salomão por mulheres estrangeiras, que o viraram para a adoração de deuses estranhos que imitavam o Deus de Israel. E, concluindo esse comentário, São Jerônimo, para se provar que perto de uma mulher não há mesmo segurança, cita o caso de Amnon que se queimou com uma paixão ilícita por sua irmã Tamar, conforme pode ser lido em Reis 2: 13 (FONSECA, 2017, p. 151).

Os motivos bíblicos utilizados por São Jerônimo estão presentes no discurso de Boorz. O legado retórico antifeminino permanece, ainda que Boorz o reorganize, mas não o desautoriza. Ele fala a linguagem da misoginia. Ele não teme a mulher, como os padres, mas não a concebe livre de uma perspectiva demeritória. Ao colocar Lancelote nas mãos da rainha, escravo do seu amor, ele lhe concede poder, mas o discurso que usa para persuadi-la denigre a sua imagem. Ela é uma má mulher e rainha se o afastar de si. Segundo Howard Bloch (1995, p. 195),

os dois discursos medievais sobre a mulher não são contrários, mas zonas de uma conceituação comum dos gêneros sexuais que se mesclam. O antifeminismo e a idealização do feminino são imagens especulares uma da outra – visões coetaneamente sobredeterminadas da mulher como sobredeterminada.

O medo e prevenção ao feminino têm-se mostrado lugar-comum nos estudos de matéria medieval. A clerezia sempre olhou com desconfiança o elemento feminino, formando discurso e prática de separação entre o corpo feminino e o corpo religioso. Tendo como função prescrever normas de conduta e de estabelecer os papéis sociais, os padres da Igreja tratavam o sexo oposto com um discurso pretenciosamente misógino. Assim,

[s]eparados das mulheres por um celibato solidamente estendido a todos a partir do século XI, os clérigos nada sabem delas. Figuram-nas, ou melhor, figuraram-nas; representam-se a Mulher, à distância, na estranheza e no medo, como uma

essência específica ainda que profundamente contraditória (KLAPISCH-ZUBER, 1990, p. 29).

Tomados por comportamento contraditório, os clérigos e sua grande força social, oscilando entre o anátema e a condição elevada, ou vice-versa, construíram suas representações sobre a mulher, sobredeterminando-a constantemente. Somente a partir do século XII, a imagem de Maria, redentora da humanidade, virá aplacar, de certa maneira, uma longa história de misoginia. Prevalecendo, de todo modo, a imagem de inimiga, alimentada pelas Escrituras, a mulher, na Idade Média, teve como primeira representação, a figura de Eva, culpada pela Queda, conforme o texto do *Gênesis* e ecos nas cartas de Paulo. Dessa forma, R. Manselli, clérigo medieval, justifica, ressoando muitos outros misóginos do período, o afastamento, controle e olhar enviesado às mulheres por sua conduta desditosa e assassina:

Este sexo envenenou o nosso primeiro pai, que era também o seu marido e pai, estrangulou João Batista, entregou o corajoso Sansão à morte. De uma certa maneira, também matou o Salvador, porque, se a sua falta o não tivesse exigido, o nosso Salvador não teria tido necessidade de morrer. Desgraçado sexo em que não há nem temor, nem bondade, nem amizade e que é mais de temer quando é amado do que quando é odiado (KLAPISCH-ZUBER, 1990, p.34).

Ainda que a Idade Média tenha tratado a mulher com ações e atitudes misóginas, o sentimento antifeminista não foi patrimônio medieval sancionado por unanimidade. Mais severos uns, mais atenuados outros, mesmo na patrística, que por ordem de lei se comportou mais antifeminista, o tratamento reservado à figura feminina não foi uniforme. A misoginia, na antiguidade tardia, ao menos em alguns postulados de Santo Agostinho, por exemplo, tem sensível atenuação, ao menos em suas formas mais classicamente brutais. Se, entretanto, tal atenuação pode ser vista com plausível desconfiança, não pode deixar de ser notado que o santo tentou alcançar um certo equilíbrio de gênero:

Já não é possível dizer que as mulheres têm mais sexualidade que os homens, ou que elas minam a razão dos homens provocando-os à sensualidade. Agostinho acha evidente que os homens são tão profundamente passíveis de fraqueza moral sexual quanto as mulheres. Todos levam em seu corpo insubmisso o sintoma fatal da queda de Adão e Eva. O fato de que num e noutro o espírito consciente seja vencido durante o orgasmo eclipsa o velho terror romano da "efeminação", de um enfraquecimento da pessoa pública devido a uma dependência passional com relação a inferiores de um ou outro sexo (VEYNE, 2009, p. 279-280).

O arrazoado que Boorz faz frente à rainha é uma construção que a sobredetermina ora como bondosa mulher e rainha, ora como má senhora e soberana. Este é o jogo persuasivo a ser empregado para convencer Genevra; discurso bem conhecido e aceito pela sociedade medieval e pela rainha que só pode calar-se.⁹ A recusa ao amor a conduz ao lugar das más mulheres, das que levam os homens à ruína e à perdição. Estreitar-se ao amor significa assumir o posto de nobreza e cortesia. Mas não importa se há *virtus* ou disciplina, virtude guerreira ou virtude heroica, pois o homem sempre fraquejará frente a um mal maior: a mulher.

Para Boorz, em sua atitude diplomática, sem desdizer a patrística, o mal maior, segundo os ditames da cortesia, é o apartamento dos amantes. *Sapientia* e *fortitudo* são características do herói Boorz que como Ulisses sabe aconselhar e guerrear, ou seja, é hábil nas palavras e nos feitos, nos feitos de guerra e na retórica do amor.

Notas

¹ Vigilante pelo conselho e pelas armas, epíteto atribuído a Ulisses por Estácio na *Aquileida* (CURTIUS, 1979, p. 182).

² A morte do rei Artur, 1992, p. 37. As citações dessa obra daqui para frente serão referidas pela abreviatura MRAP. Quando se tratar da sua edição em francês, a abreviatura será MRAf.

³ Após a saída dos cavaleiros da linhagem do rei Bam e sua posterior vitória no torneio de Wincestre, sobrepondo-se as proezas de Boorz, a rainha sente falta do conforto que o cavaleiro francês lhe trazia quando da ausência de Lancelot: "Mes de Boort et de sa compaignie qui si ont la cort lessie poe defaute de Lancelote a ele si grant pitié et tant est a malese de ce qu'ele les a issi perduz qu'ele ne set qu'ele puisse devenir; si amast moult, se il poist estre, que il revenissent arrieres; car ele amoit tant leur compaignie por le grant confort qu'il li fesoit qu'ele ne prisoit nule gente tant come ele fesoit els. Et la ou ele estoit a son privé conseil disoit ele aucune foiz que'ele ne savoit el monde num Chevalier bien disne ne si soffisant de tenir un grant empire comme estoit Boorz de Gaunes; et por l'amor de lui li pesoit il moult que tuit si compaignie ne demeuroient a court (MRAf, 1936, p. 39). "Mas de Boorz e de sua companhia, que haviam deixado a corte pela ausência de Lancelot, teve ela muita pena e ficou tão contrariada de os ter perdido, que não sabia o que pudesse acontecer. Desejava muito, se pudesse ser, que eles voltassem atrás, porque ela amava tanto sua companhia, pelo grande conforto que lhe trazia, que não prezava ninguém como a eles. No seu íntimo, dizia ela algumas vezes que não conhecia no mundo cavaleiro tão digno e capaz de manter um grande império como Boorz de Gaunes. E, pelo amor dele, pesava-lhe muito que a toda sua companhia não permanecesse na corte" (MRAP, 1992, p. 63).

⁴ No original em francês vê-se a análoga posição de Boorz no trecho a seguir: "Dame, fet Booz, q'em diroienge? Certes ge ne vi onques preudome que longuement amst par amast par amors que au derreain n'em fust tenez por honniz; et se vos vulez garder as anciens fez de Juïs et des Sarrazins, assez vos em porroit l'em moustrer de céus que la veraie estoire tesmoigne que furent honni par fame" (MRAf, 1936, p. 56-58).

⁵ Foi aqui utilizada a edição *A Sancta Biblia* traduzida da Vulgata pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo, por ser a versão oficialmente recomendada pela Igreja no período medieval.

⁶ "la plus bele criature que onques Dex formast" e "li plus biax hom juïs morut par fame" (MRA, 1936, p. 57).

⁷ "onques nus hom ne s'í prist fermente qui n'em moreüst" (MRAf, 1936, p. 57).

⁸ "car se ge pes ne pooie trouver vers lui, ge ne porroie pas longuement durer" (MRAf, 1936, p. 59).

⁹ Após ouvir o discurso de Boorz a rainha exclama: "agora não tenho resposta" (MRAP, 1992, p. 81); "n'í troveroiz mie autre respons" (MRAf, 1936, p. 58).

Fontes

A SANCTA BIBLIA: contendo o Velho e o Novo Testamento. Traduzidos em portuguez pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo. Londres: B. Bensley, 1821.

HOMERO. *Ilíada*. Trad. Manoel Odorico Mendes. São Paulo/ Campinas: Ateliê Editorial/. UNICAMP, 2009.

LA MORT LE ROI ARTU. Roman du XIII siècle. Édité par Jean Frappier. Paris: Librairie E. Droz. 1936.

MALORY, Thomas, *Morte d'Arthur*. The original edition of Caxton revised of modern use. Edited, with an introduction by Sir Edward Strachey. London: Macmillan & Co., 1868.

MEGALE, Heitor. *A Morte do Rei Artur*. tradução do texto do século XIII, feito o cotejo de manuscritos da Biblioteca Nacional de Paris com a edição Jean Frappier. Introdução, Notas e Glossário. São Paulo: Livraria Editora Martins Fontes, 1992.

Referências bibliográficas

BLOCH, R. Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Trad. Claudia Moraes. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura européia e Idade Média latina*. Trad. Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1996.

_____. *Literatura européia e Idade Média latina*. Trad. Teodoro Cabral e Paulo Rónai. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Literatura Ocidental: autores e obras fundamentais*. São Paulo: Ática, 1990.

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. *Mulher e misoginia na visão dos padres da Igreja e do seu legado medieval: estudo e leitura de textos fundamentais*. Goiânia: Puc Goiás, 2017.

KLAPISCH-ZUBER, Christiane (Dir.). *História das mulheres no Ocidente: a Idade Média*. Trad. Ana Losa Ramalho et al. Porto: Afrontamento, 1990, v. 2

LONDON, J. E. *Soldados y fantasmas: mito y tradición en la Antigüedad clásica*. Trad. Daniel Aldea Rossell e Irene Muzás Calpe. Barcelona: Ariel, 2011.

VEYNE, Paul. *História da vida privada, 1: do Império Romano ao ano mil*. Trad. Hildegard Feist, Cons. Ed. Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.